

As regiões do Pantanal: Cáceres

Sandro Menezes Silva

Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD

Faculdade de Ciências Biológicas e Ambientais – FCBA

O Pantanal de Cáceres inclui partes dos municípios de Cáceres, que representa cerca de 99% dessa região, de Lambari D'Oeste e de Curvelândia, no Mato Grosso, com uma área aproximada de 12,5 mil quilômetros quadrados, o que equivale a cerca de 9% da planície pantaneira. Estende-se, no sentido norte-sul, desde a fazenda Barra do Ixu, na margem direita do rio Paraguai, no município de Cáceres, até a ilha do Caracará, no município de Corumbá, no Mato Grosso do Sul, limitando-se a oeste com a fronteira da Bolívia e a leste com a região do Pantanal de Poconé, no município de Poconé. Faz parte do sistema de sub-bacias hidrográficas Corixo Grande – Jauru - Paraguai, as quais incluem alguns dos poucos tributários da margem esquerda do rio Paraguai no Brasil, os rios Cabaçal, Sepotuba e Jauru.

Nessa região, o rio Paraguai assume um padrão meandrante, ou seja, possui muitas curvas, formando uma planície de inundação periodicamente inundada cujo canal principal relaciona-se a processos de erosão nas margens côncavas, onde o canal é mais profundo, ocasionando a queda de grandes blocos de sedimento, e deposição nas margens convexas, onde podem ser formados bancos de areia que afloram durante os períodos de seca, conferindo à essa planície uma dinâmica intensa e bastante típica, com formação e desaparecimento de canais, lagoas, bancos de areia e vazantes, que podem alterar o escoamento da água, comprometer a navegabilidade e alterar a biodiversidade. O percentual de cobertura de água no Pantanal de Cáceres varia de quase 10% no período de seca, chegando até mais de 60% no período úmido, o que limita as possibilidades de uso econômico de grande parte dessa região durante as cheias.

A vegetação nessa região é composta basicamente por fitofisionomias de Cerrado, notadamente a Savana Florestada, Savana Gramíneo-lenhosa e a Savana Arborizada, além das Florestas Aluviais (florestas ciliares) e das Formações Pioneiras com Influência Fluvial. A Savana florestada, também conhecida como Cerradão, tem fisionomia arbórea, formada por espécies típicas do Cerrado, cujas principais características são os troncos finos e tortuosos, com cascas espessas e fendidas, e folhas coriáceas e perenes. Ocorrem em áreas não inundáveis, notadamente nas cordilheiras, já descritas em aulas anteriores. A Savana Gramíneo-lenhosa é representada pelos campos sujos, campos limpos e vazantes, ocorrendo geralmente nas áreas baixas, periodicamente inundáveis, eventualmente com arbustos e arvoretas baixas e esparsas. Podem ocorrer no entorno das baías, ao longo dos corixos ou então nas vazantes. A Savana arborizada, também conhecida como Campo Cerrado, tem fisionomia predominantemente campestre, com plantas lenhosas baixas e esparsas, bastante comum nas áreas mais arenosas; ocorre em locais parcialmente inundáveis, geralmente sujeitos às queimadas. As Florestas Aluviais ocorrem em áreas de acúmulo de sedimentos, inundáveis, ao longo dos principais canais de drenagem na planície, notadamente ao longo dos rios Paraguai, Sepotuba, Cabaçal, Padre Inácio e Jauru. A deciduidade foliar, ou seja, a perda sazonal de folhas, é parcial nessa fitofisionomia, atingindo em torno de 30% do total de árvores que formam o dossel florestal. É comum nessa fitofisionomia a ocorrência da palmeira Acuri, notadamente nas clareiras e áreas mais abertas no interior da floresta. As Formações Pioneiras sob influência fluvial ocorrem nas áreas em que a permanência da água é mais longa, normalmente em depressões alagáveis que permanecem alagadas quase o ano todo. Em geral são caracterizadas por plantas herbáceas e aquáticas, conhecidas como macrófitas, eventualmente com a presença de arbustos e árvores.

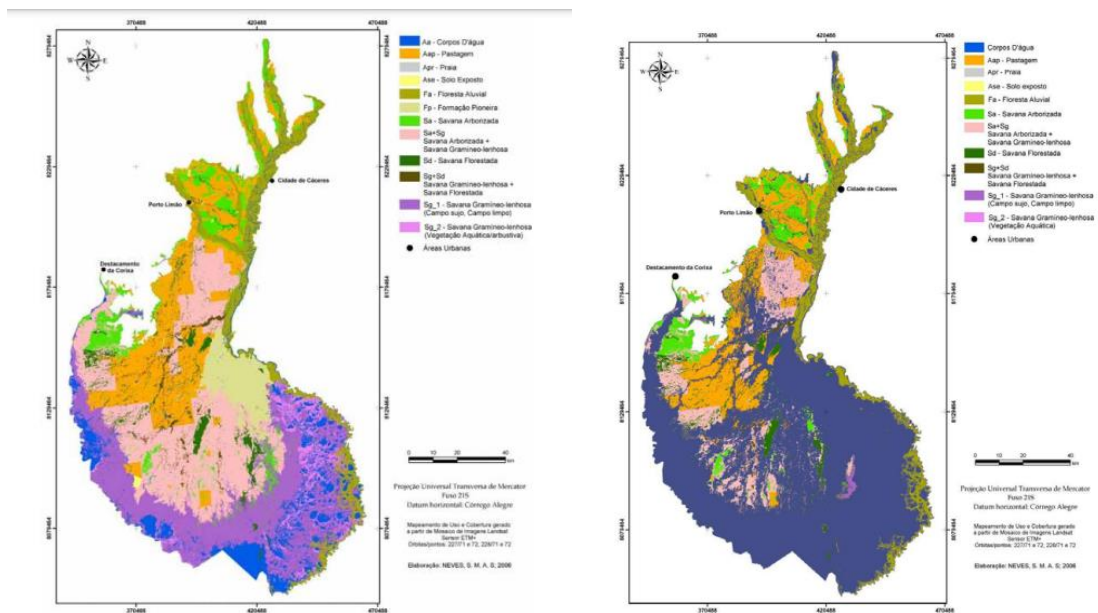
Existem registros sobre a ocupação humana importantes na região de Cáceres, anteriormente à colonização europeia. Pesquisas arqueológicas mostram que essa região foi ocupada por diferentes grupos ceramistas, com padrões culturais diversificados, e que provavelmente mantinham diversos níveis de relações sociais. O material cerâmico usado nessas pesquisas foram obtidos a partir de aterros localizados ao longo dos principais rios da região, pertencentes a diferentes

tradições ceramistas, e que permitiram inclusive a datação desse material. Foram identificadas duas principais tradições cerâmicas nesses estudos arqueológicos, a Descalvado, com idades entre 1.300 e 850 anos AP, e a Pantanal, com idades entre 2.200 e 860 anos AP. A tradição Descalvado está associada a vasilhas que evidenciam a partilha e estocagem de alimentos, além da manipulação de alimentos secos; as dimensões e capacidades volumétricas dessas vasilhas sugerem uma população numerosa, com uma organização social baseada em grupos mais extensos. Nas cerâmicas da tradição Pantanal, não foram registrados recipientes destinados ao manuseio de alimentos secos, sendo as vasilhas usadas principalmente para o preparo de alimentos ensopados e cozidos; as menores dimensões e capacidades volumétricas sugerem que os usuários dessas cerâmicas eram grupos sociais menores, com menos pessoas.

O Pantanal de Cáceres foi uma das primeiras regiões do Pantanal em que a atividade pecuária, foi desenvolvida, desde o início da colonização europeia, em meados do século XVIII. A primeira fazenda instalada nessa região foi a Fazenda Jacobina, que na época tinha mais de 800.000 hectares; atualmente, o rebanho bovino no município de Cáceres, que ocupa quase toda a região, é de pouco mais de 1,1 milhão de cabeças, em cerca de 1,2 milhão de hectares, entre pastagens nativas (cerca de 60%) e plantadas, sendo o maior município nesta atividade no Mato Grosso.

Dois unidades de conservação federais importantes para a proteção do Pantanal estão localizadas na região de Cáceres: a Estação Ecológica de Taiamã (EET), que inclui a ilha de mesmo nome no rio Paraguai, e a Estação Ecológica Serra das Araras (EESA), que, além de Cáceres, ainda inclui as partes altas da bacia hidrográfica nos municípios de Porto Estrela e Barra dos Bugres, no Mato Grosso. A EET foi criada em 1981, no município de Cáceres e possui cerca de 11,5 mil hectares, enquanto a EESA foi criada em 1982, com quase 29 mil hectares. As principais atrações na EET são as extensas áreas de campos inundáveis, com grande variedade de ambientes aquáticos, como as lagoas e corixos, sob forte influência do regime hidrológico do rio Paraguai, e grande diversidade de flora e fauna. Na EESA, as principais atrações são os cânions do Rio Jauquara, as cachoeiras, as cavernas e as pinturas rupestres no topo da Serra Grande. Cabe ressaltar que as Estações Ecológicas constituem uma categoria de unidade de conservação em que não é permitida a visitação com finalidades recreativas, podendo, no entanto, o uso público para educação ambiental e pesquisa.

O município de Cáceres, que tem grande parte do seu território nessa região, aprovou recentemente um projeto de emenda à lei orgânica municipal que reconhece a natureza como portadora de direitos; foi o primeiro município do Pantanal a adotar uma medida dessa natureza, que já foi adotada em outras cinco cidades brasileiras. A medida foi adotada para fazer frente às ameaças eminentes à integridade ambiental da região, materializadas principalmente por projetos de geração de energia hidrelétrica na bacia hidrográfica do Alto Paraguai e de implantação de uma hidrovía usando o rio Paraguai como principal meio de deslocamento das embarcações, o que levaria à construção de portos e a obras de dragagem, derrocamento e retificação do canal principal. Essa iniciativa teve origem na sociedade civil organizada, que preocupada com as ameaças que pairam sobre o Pantanal, mobilizou-se por meio de comitês e coletivos populares para prestar o devido apoio técnico para a proposta.



Vegetação e uso da terra no Pantanal de Cáceres nos períodos seco (esquerda) e úmido (direita), com destaque para a diferença entre as áreas cobertas por água (em azul), na metade sul da região.

Fonte: Neves et al. (2009), disponível em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Nuevastecnologias/Sig/20.pdf>

Fontes consultadas:

Esquer, M. (2023) Cidade de Mato Grosso aprova projeto que reconhece direitos da natureza. O Eco, Notícias. Publicado em 18 de julho de 2023. Disponível em <https://oeco.org.br/noticias/cidade-de-mato-grosso-aprova-projeto-que-reconhece-direitos-da-natureza/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Cidades - Censo Agropecuário, Acessado em Julho de 2023, disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/caceres/pesquisa/24/76693>

Leandro, G. R. D. S., & Souza, C. A. D. (2012). Pantanal de Cáceres: composição granulométrica dos sedimentos de fundo no rio Paraguai entre a foz do rio Cabaçal e a cidade de Cáceres, Mato Grosso, Brasil. Revista Ambiente & Água, 7, 263-276. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ambiagua/a/tHMBBbFMpm9JNLdXSz6hzq/?format=pdf&lang=pt>

Neves, R., Cruz, C. B. M., Neves, S., & Silva, A. (2009). Geotecnologias aplicadas na identificação e classificação das unidades ambientais do Pantanal de Cáceres/MT-Brasil. Geografia, 34, 795-805. Disponível em <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/download/4869/3978>

Neves, S., Cruz, C., Neves, R. J., Silva, A., & Cochev, J. S. (2009). Mapeamento e quantificação do uso da terra e cobertura vegetal do Pantanal de Cáceres-MT, Brasil: através de imagens de sensoriamento remoto e pesquisa de campo. Encontro de Geógrafos da América Latina, 12. Disponível em <http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal12/Nuevastecnologias/Sig/20.pdf>

Peixoto, J. L. S (2009). Arqueologia na Região das Grandes Lagoas do Pantanal. Albuquerque: Revista de história, 1(2). Disponível em <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/download/3930/3136>

Silva, E. S. F., de Souza, C. A., dos Santos Leandro, G. R., da Silva Andrade, L. N. P., & Galbiati, C. (2012). Evolução das feições morfológicas do rio Paraguai no Pantanal de Cáceres-Mato Grosso. Revista Brasileira de Geomorfologia, 13(4). Disponível em <https://rbgeomorfologia.org.br/index.php/rbg/article/download/299/272>

Silva, J. D. S. V., & de Moura Abdon, M. (1998). Delimitação do Pantanal brasileiro e suas sub-regiões. Pesquisa agropecuária brasileira, 33(13), 1703-1711. Disponível em <https://rbgeomorfologia.org.br/index.php/rbg/article/download/299/272>